

ARTIGO 2:

FRAGMENTAÇÃO COGNITIVA E COMUNICAÇÃO NA ERA DIGITAL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL NO SÉCULO XXI

Antonio Carlos Dias Lima Morim

RESUMO

Este artigo investiga os impactos da pós-modernidade sobre a construção cognitiva dos indivíduos e suas implicações nos processos comunicacionais contemporâneos. A partir de uma revisão da literatura, fundamentada em teóricos clássicos amplamente reconhecidos: Bloom, Vygotsky, Ausubel, Gardner, Guilford, Kahneman, Paul & Elder e mesclada à uma revisão da literatura filosófica contemporânea que inclui autores como Bauman, Han, Sennett e Carr, o presente trabalho propõe uma estrutura metodológica sequencial e crítica, voltada ao desenvolvimento integral de competências comunicacionais, criativas e socioemocionais. A análise mostra que o ambiente comunicacional atual exige metodologias ativas, uso crítico de ferramentas digitais e a promoção de estratégias avaliativas que combatam o esvaziamento simbólico e cognitivo característico da sociedade pós-moderna. Um dos objetivos centrais desta proposta é utilizar a avaliação como ponto de partida para fornecer aos profissionais de comunicação, de forma individualizada e com apoio da inteligência artificial, relatórios sinalizadores de suas lacunas e potencialidades quanto às suas habilidades (soft skills). Isso permitirá que cada profissional construa, de forma autônoma, uma trajetória apropriada de evolução em um ecossistema midiático cada vez mais complexo e fragmentado.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação digital; pós-modernidade; cognição; pensamento crítico; fragmentação da atenção; inteligência artificial.

1. Introdução

As transformações culturais e tecnológicas da pós-modernidade têm gerado impactos significativos sobre os modos de comunicar, consumir informação e produzir conteúdo. No campo da comunicação, tais mudanças se manifestam tanto nas exigências técnicas quanto na necessidade de formar profissionais críticos, éticos e criativos, capazes de navegar em um ecossistema midiático cada vez mais complexo e fragmentado. A instabilidade simbólica, a fragmentação da atenção e o declínio da profundidade cognitiva, características apontadas por autores como Zygmunt Bauman (2001), Byung-Chul Han (2015) e Nicholas Carr (2011), afetam diretamente a construção de competências comunicacionais no ambiente contemporâneo. Esta tendência ocorre em todo mundo, mas em países com desigualdades acentuadas no acesso à informação e tecnologia, são efeitos amplificados que comprometem o desenvolvimento dos profissionais e da própria esfera pública.

Nesse contexto, avaliar a performance de profissionais de comunicação, que são mediadores fundamentais entre instituições e públicos, responsáveis pela construção de narrativas e pela circulação de informações estratégicas, nos exige a extrapolação de técnicas que vão além dos instrumentos tradicionais. Faz-se então relevante integrar diferentes perspectivas de abordagens cognitivas, epistemológicas e metodológicas, capazes de captar a complexidade dos processos comunicacionais e suas articulações com habilidades socioemocionais.

Este artigo, portanto, tem como objetivo propor o delineamento de uma estrutura avaliativa que responda aos desafios da comunicação contemporânea, promovendo um modelo formativo mais justo, abrangente e conectado às demandas do século XXI. Além disso, busca-se oferecer como grande vantagem, um retorno formativo individualizado a cada profissional, apoiado por ferramenta de inteligência artificial, que identifique e sinalize os pontos fortes e áreas de melhoria, fomentando a autogestão da aprendizagem e o desenvolvimento de uma trajetória de evolução profissional personalizada em um cenário de constante transformação midiática. Outro ponto positivo é o caráter facilitador do processamento de grande volume de dados comunicacionais que seria extremamente trabalhoso aos gestores e educadores, que por meio de sistematização e automatização, passam a contar com o apoio da ferramenta de inteligência artificial, facilitando o emprego do método em tela.

2. Construção Cognitiva: os Impactos sobre a Comunicação e a Formação Profissional

Vivemos em uma era caracterizada por intensas transformações nas estruturas sociais, tecnológicas e comunicacionais – um tempo frequentemente denominado pós-modernidade. Essa condição histórica, segundo Zygmunt Bauman (2001), representa uma liquefação das formas estáveis da modernidade: as identidades tornam-se voláteis, os vínculos são fragilizados e os referenciais de verdade são contestados. Nesse contexto, a construção cognitiva dos sujeitos sofre alterações profundas, com repercussões diretas nos modos de comunicar, consumir informação e produzir sentido. Destacam-se, abaixo, alguns dos pontos cruciais observados na composição crítica da metodologia:

2.1 A dissolução dos referenciais

Autores como Jean-François Lyotard (1979) já advertiam que a condição pós-moderna se manifesta por meio da incredulidade em relação aos metarrelatos – isto é, às grandes narrativas que antes organizavam o saber e a moral. Com a fragmentação dos discursos e a multiplicidade de fontes de informação, o conhecimento se transforma em mercadoria efêmera, validada mais por sua utilidade momentânea do que por sua coerência epistemológica.

Essa lógica impacta diretamente o campo da comunicação, deslocando o foco da produção de conteúdo aprofundado e reflexivo para o consumo rápido de informações fragmentadas e descontextualizadas. Vemos isso claramente no fenômeno das “notícias rápidas” e dos formatos ultracurtos como reels, stories e tweets, que privilegiam o impacto imediato em detrimento da contextualização. A este aspecto soma-se o acesso desigual à rede de informação, a exposição constante a telas, a emergência de influenciadores digitais validados por volume de seguidores, a fragilidade de formação crítica da sociedade e suas desigualdades econômicas, educacionais e culturais.

2.2 Cognitivismo superficial e hiperestimulação

Byung-Chul Han (2015), em sua crítica à sociedade do desempenho, identifica uma transformação nos regimes de atenção e processamento cognitivo. Segundo ele, vivemos sob uma lógica da transparência e positividade, em que a pressão por eficiência e autoexploração esgotam os sujeitos de forma considerada tóxica. Essa constante hiperatividade mental e informacional são bases condutoras ao déficit de atenção, à incapacidade de contemplação e

ao empobrecimento da experiência simbólica – fenômenos particularmente relevantes para o campo da comunicação, onde a capacidade de análise crítica e produção de sentido são fundamentais.

Em paralelo, Nicholas Carr (2011) argumenta que o uso intenso da internet modifica a estrutura neurológica do cérebro, favorecendo uma cognição rápida e dispersa, mas prejudicando a memória de longo prazo, a leitura profunda e o pensamento crítico. O profissional de comunicação contemporâneo, portanto, se vê constantemente sobrecarregado por estímulos, mas fragilizado em sua capacidade de sentido, síntese e reflexão – justamente as habilidades mais necessárias para a produção de conteúdo relevante e contextualizado.

Podemos observar este fenômeno na dificuldade crescente dos profissionais de comunicação em desenvolver narrativas de fôlego, como reportagens investigativas ou documentários aprofundados, em um ambiente que privilegia o imediatismo e a constante atualização de conteúdos nas redes sociais.

2.3 Impactos no ambiente comunicacional

Essas transformações cognitivas não ocorrem isoladamente; elas ressoam de modo profundo no ambiente comunicacional. Em sociedades organizadas por fluxos, plataformas e conteúdos efêmeros, o comunicador é convocado a ser multimídia, multitarefa, criativo e resiliente – um empreendedor de si mesmo. Contudo, essa liberdade aparente mascara a precarização das relações de trabalho e a erosão da dimensão ética e social da comunicação, conforme alerta Richard Sennett (1998).

A ausência de estabilidade simbólica, aliada à lógica de alta rotatividade e produção contínua de conteúdo, produz um ambiente em que o conhecimento técnico perde lastro com os saberes contextuais, relacionais e éticos. A formação profissional em comunicação, nesse sentido, tende a se fragmentar em competências instrumentais, com pouca profundidade crítica ou humanística.

Exemplos concretos desse fenômeno podem ser observados nas redações jornalísticas contemporâneas, onde profissionais são cada vez mais pressionados a produzir conteúdo para múltiplas plataformas simultaneamente, dominando ferramentas técnicas diversas (fotografia, vídeo, design, SEO), mas com tempo cada vez mais reduzido para apuração, reflexão e contextualização das informações.

2.4 Consequências para a formação em comunicação

As escolas de comunicação e os ambientes formativos também são atravessados por esse paradigma. Gilles Lipovetsky (2004), ao descrever a sociedade da leveza, mostra como o entretenimento e a lógica de consumo penetraram o campo comunicacional, gerando um profissional mais motivado por métricas instantâneas e engajamento superficial do que por projetos de impacto social e cultural de longo prazo.

Essa mudança desafia a tradição da comunicação crítica e exige novos arranjos didáticos que conciliem experiência significativa, autonomia intelectual e sentido ético. A orientação da lógica de curto prazo, por sua vez, relaciona-se à capacidade dos profissionais em identificar uma temporalidade estratégica de mais longo prazo que se apresenta fundamental ao desenvolvimento profissional e à orientação da qualidade comunicacional.

Ao propor uma ecologia dos saberes, Santos (2006) complementa esse diagnóstico, que se contraponha à monocultura do conhecimento tecnocrático. Para ele, a formação contemporânea em comunicação deve recuperar a pluralidade epistemológica, valorizando saberes locais, culturais, artísticos e emocionais como formas legítimas de construção de sentido e narrativas.

Desta forma, a realização de atividades que estimulem a diversidade narrativa e o exercício da criatividade são relevantes para amparar a capacidade do comunicador em se relacionar com diferentes linguagens, expressões e aspectos da identidade cultural. Discute-se então se a chamada globalização midiática, que se estendeu, principalmente, através dos meios de comunicação digital, não estabeleceu uma “pasteurização” dos conteúdos.

Hoje, percebe-se que a necessidade de proteger a diversidade comunicacional envolve justamente valorizar as narrativas locais, a cultura e a pluralidade. No campo das relações comunicacionais, a questão demanda uma atenção específica à chamada cultura algorítmica irradiada em aspecto global, à competitividade por atenção e ao ambiente informacional saturado em que os profissionais estão expostos.

Observa-se, então, que a construção cognitiva dos profissionais de comunicação na pós-modernidade passa por um processo de descentramento, aceleração e fragmentação, cujas consequências extrapolam o plano individual e afetam estruturalmente os ambientes midiáticos e de formação. É imperioso constatar que repensar os processos formativos em comunicação

requer não apenas a atualização tecnológica, mas a reconfiguração ética e epistemológica dos modos de comunicar, produzir e mediar. A superação das perdas cognitivas contemporâneas demanda, assim, um esforço coletivo de reencontro com a densidade da experiência comunicacional, a diversidade dos saberes e a dignidade do pensamento crítico.

3. Fundamentação Teórica

Essa crise cognitiva impacta a formação em comunicação em todos os níveis. No campo profissional, verifica-se o aumento de pressões por produtividade, engajamento e desempenho quantificável (Han e Sennett). No entanto, como visto, a formação técnica se vulnerabiliza frente ao esvaziamento simbólico e da fragmentação da atenção e da memória de longo prazo (Carr). A comunicação como campo, que exige tanto domínio técnico quanto criatividade, ética e colaboração, passa a sofrer com esse processo.

A seguir, estruturamos um arcabouço da construção cognitiva na pós-modernidade, que servirá de apoio conceitual para o sistema apresentado neste trabalho:

Autores da Pós-modernidade e Crítica Cultural:

- Zygmunt Bauman: liquidez das relações, instabilidade simbólica.

- Byung-Chul Han: sociedade do cansaço e hipertransparência.

- Nicholas Carr: alterações cognitivas causadas pelo uso intenso de tecnologia.

- Richard Sennett: corrosão do caráter no mundo produtivo flexível.

Autores da Educação e da Cognição:

- Bloom e a hierarquia de habilidades cognitivas.

- Gardner e as inteligências múltiplas.

- Guilford: pensamento convergente e divergente.

- Kahneman: sistemas de decisão e vieses cognitivos.

- Paul & Elder: critérios do pensamento crítico.

- Vygotsky: Zona de Desenvolvimento Proximal.

- Ausubel: aprendizagem significativa.

4. Metodologia

A presente metodologia propõe momentos para a constituição de um processo de avaliação baseada na consistência de bases teóricas fundamentadas em autores-chave, referenciados na literatura com objetivo de destacar Indicadores de Performance Cognitiva em Comunicação, na abordagem contextualizada da avaliação com a previsão de estabelecer instrumentos e cronologia da avaliação, e por fim, interações que permitem identificar o desempenho evolutivo a partir do uso de ferramental apoiado em Inteligência Artificial. Para tal, os passos metodológicos são apresentados abaixo, destacando seus principais objetivos e referenciais utilizados.

4.1 Seleção de Indicadores de Performance Cognitiva em Comunicação

A estruturação proposta, desenvolvida com uma lógica evolutiva de avaliação, tem como objetivos identificar, organizar e registrar Indicadores de Performance Cognitiva em Comunicação, para, em seguida, oferecer um feedback individualizado: o Plano de Desenvolvimento Individual – PDI.

Como o modelo responde aos impactos da pós-modernidade no campo comunicacional: combate à superficialidade, promoção de pensamento profundo e reconstrução de vínculos de sentido, atende à necessidade de desenvolver comunicadores críticos, éticos e autônomos, oferecendo:

- A relevância de integrar diferentes visões epistemológicas na construção de avaliações mais complexas e humanas.

- Contribuições para profissionais de comunicação e áreas correlatas.

- Sugestão de futuras pesquisas: uso de IA na avaliação de conteúdos, impacto da cultura digital na motivação e engajamento das audiências.

Nessa proposta, busca-se o alinhamento cognitivo, técnico e humanístico, observando, assim, o processo de avaliação como parte relevante do processo formativo em comunicação, e não apenas somativo.

5. Proposta Metodológica Integrada para Comunicação

Com base nos autores citados e na análise contextual, propõe-se uma estrutura de avaliação sequencial, progressiva e integrada, que articule habilidades cognitivas, sociais e criativas para o campo da comunicação. Essa estrutura organiza-se em sete etapas:

1.Diagnóstico (Ausubel): uso de pré-testes e mapas conceituais para identificar conhecimentos prévios sobre processos comunicacionais. Por exemplo, avaliação da compreensão de conceitos como narrativa transmídia, ecossistema midiático ou cultura algorítmica.

2. Aquisição (Bloom): aplicação de questionários e resumos que explorem a memorização e compreensão de conceitos fundamentais da comunicação. Isso pode incluir a análise de teorias da comunicação, princípios de design visual ou técnicas de storytelling.

3.Aplicação (Bloom, Guilford): desenvolvimento de peças comunicacionais, simulações e exercícios práticos com foco em pensamento convergente. Por exemplo, criação de releases para situações específicas, desenvolvimento de estratégias para redes sociais ou produção de conteúdo audiovisual para diferentes plataformas.

4.Análise Crítica (Paul & Elder, Kahneman): análise de campanhas publicitárias, estudo de casos de crise comunicacional e debates para desenvolver julgamento reflexivo. Isso pode incluir a desconstrução de narrativas midiáticas, identificação de vieses em coberturas jornalísticas ou análise de estratégias de comunicação institucional.

5.Criatividade (Gardner, Guilford): desenvolvimento de projetos transmídia, narrativas alternativas e sessões de brainstorming. Por exemplo, criação de campanhas multiplataforma, desenvolvimento de formatos inovadores de podcast ou experimentação com realidade aumentada em comunicação institucional.

6.Colaboração (Vygotsky): trabalhos em equipes multidisciplinares, avaliação por pares e scaffolding em projetos comunicacionais. Isso pode incluir a simulação de uma agência integrada, com profissionais de diferentes especialidades trabalhando em um mesmo briefing, ou projetos colaborativos entre redatores, designers e analistas de dados.

7.Síntese (Bloom, Ausubel): elaboração de portfólios digitais, mapas integrativos, relatórios de campanha ou artigos de análise midiática. Esta etapa final consolida o aprendizado através da integração dos conhecimentos e habilidades desenvolvidos nas etapas anteriores.

O diferencial deste modelo está na incorporação de tecnologias baseadas em inteligência artificial que, ao longo das etapas, coletam dados de

desempenho e interações dos profissionais. Com base nessas informações, será possível gerar relatórios individualizados que indiquem quais dimensões cognitivas, práticas ou relacionais precisam de maior desenvolvimento no contexto comunicacional.

Por exemplo, um profissional pode demonstrar excelente domínio técnico de ferramentas digitais, mas apresentar dificuldades na construção de narrativas coerentes ou na adaptação de conteúdos para diferentes públicos. O sistema de IA identificaria esses padrões e ofereceria recomendações personalizadas para o desenvolvimento dessas habilidades específicas.

Esses relatórios funcionarão como documentos sinalizadores, orientando o profissional na construção autônoma de sua própria trajetória de evolução em um ecossistema midiático cada vez mais complexo.

A aplicação dessa estrutura pode ser feita com o apoio de ferramentas digitais, como plataformas de análise de conteúdo (Brandwatch, Talkwalker), ferramentas colaborativas (Miro, Figma), simuladores de audiência, ambientes virtuais de aprendizagem e softwares de design e edição. A inclusão de métodos qualitativos, como autoavaliação e diários reflexivos, também é recomendada. Em conjunto com os relatórios individualizados gerados pela IA, essas ferramentas promovem um ciclo contínuo de diagnóstico, intervenção e replanejamento das estratégias comunicacionais.

6. Discussão

A aplicação deste modelo no campo da comunicação responde diretamente aos desafios cognitivos da pós-modernidade identificados por Bauman, Han, Carr e Sennett. Ao estruturar um processo avaliativo que valoriza tanto o domínio técnico quanto o pensamento crítico e a criatividade, combate-se a tendência à superficialidade e fragmentação que caracteriza o ambiente comunicacional contemporâneo.

O modelo proposto dialoga diretamente com os desafios enfrentados por profissionais de comunicação em diferentes contextos: jornalistas que precisam equilibrar velocidade e profundidade; publicitários que buscam relevância em um ambiente saturado de mensagens; relações públicas que gerenciam crises em tempo real; e comunicadores organizacionais que precisam alinhar estratégias em ambientes cada vez mais complexos.

A incorporação de inteligência artificial como ferramenta de diagnóstico e feedback personalizado representa uma inovação significativa, permitindo que cada profissional receba orientações específicas para seu desenvolvimento, considerando seu perfil cognitivo único e as demandas específicas do ecossistema midiático em que atua. Essa abordagem personalizada é particularmente relevante em um campo tão diverso e em constante transformação como o da comunicação.

Os desafios para implementação deste modelo incluem a necessidade de capacitação dos avaliadores, o desenvolvimento de algoritmos éticos e transparentes, e a criação de instrumentos avaliativos que captem adequadamente a complexidade dos processos comunicacionais. Além disso, é fundamental garantir que a tecnologia seja utilizada como ferramenta de apoio ao desenvolvimento humano, e não como substituta do julgamento crítico e da sensibilidade contextual que caracterizam a boa comunicação.

Questões éticas também emergem nesse contexto: como garantir que os algoritmos de IA não reproduzam vieses existentes no campo da comunicação? Como equilibrar a avaliação quantitativa (métricas, engajamento) com aspectos qualitativos essenciais à comunicação efetiva (relevância cultural, impacto social, qualidade narrativa)? Essas questões demandam uma abordagem reflexiva e crítica na implementação do modelo proposto.

7. Considerações Finais

Integrar abordagens cognitivas clássicas com diagnósticos críticos da pós-modernidade nos permite formular modelos de avaliação mais completos e humanos para o campo da comunicação. A formação e o desenvolvimento profissional nesse cenário não podem se restringir à eficiência técnica ou ao domínio de plataformas digitais. Devem formar comunicadores capazes de pensar com profundidade, agir com responsabilidade ética e criar narrativas com sentido e relevância social.

As estratégias aqui sugeridas apontam caminhos para práticas avaliativas que sejam sensíveis às transformações sociais e culturais em curso, e comprometidas com a formação integral de profissionais de comunicação para o século XXI. Nesse percurso, o uso de inteligência artificial como ferramenta de diagnóstico e recomendação personalizada emerge como instrumento fundamental para promover autonomia, personalização e eficácia no processo formativo.

O relatório individualizado, concebido como documento sinalizador da trajetória cognitiva e profissional do comunicador, representa um passo decisivo rumo a uma comunicação mais consciente, eficaz e centrada no ser humano. Em um mundo onde algoritmos e métricas tendem a padronizar e quantificar a comunicação, este modelo reafirma a importância da dimensão humana, crítica e criativa que está no cerne da profissão.

A comunicação do futuro, para ser verdadeiramente efetiva, precisará equilibrar o domínio tecnológico com a profundidade reflexiva, a velocidade com a contextualização, e a inovação com a responsabilidade social. O modelo aqui proposto busca contribuir para esse equilíbrio, oferecendo um caminho para o desenvolvimento integral de profissionais capazes de navegar e transformar o complexo ecossistema comunicacional contemporâneo.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. Educational Psychology: A Cognitive View. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BLOOM, B. S. Taxonomy of Educational Objectives. New York: David McKay, 1956. BYUNG-CHUL HAN. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

CARR, Nicholas. A geração superficial. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

GARDNER, H. Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences. New York: Basic Books, 1983.

GUILFORD, J. P. The Nature of Human Intelligence. New York: McGraw-Hill, 1967.

KAHNEMAN, D. Thinking, Fast and Slow. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. Os tempos hipermodernos. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

PAUL, R.; ELDER, L. Critical Thinking: The Nature of Critical and Creative Thought. Journal of Developmental Education, v. 30, n. 2, p. 34-35, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo. São Paulo: Cortez, 2006.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter. Rio de Janeiro: Record, 1998. VYGOTSKY, L. S. Mind in Society. Cambridge: Harvard University Press, 1978.